

Métodos Ativos em Música em diálogo com as Metodologias Ativas no século XXI: confluências e divergências no ensino da música na escola regular

Pôster

Bethânia Sigilião Guedes de Andrade Croci
Universidade Federal de São João del-Rei
bethaniaguedes26@gmail.com

Carla Silva Reis
Universidade Federal de São João del-Rei
carlareis@ufsj.edu.br

Resumo: A pesquisa em andamento tem o objetivo promover um diálogo entre métodos ativos em Música e as Metodologias Ativas no século XXI: confluências e divergências no ensino da música na escola regular com os métodos ativos em educação musical e as metodologias ativas de ensino que estão em evidência no século XXI. Tais reflexões têm como base a descrição de um relato de experiência sobre os planejamentos das aulas de música no ensino fundamental, com turmas dos 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental, sobre o qual pude refletir sobre as metodologias propostas por autores da educação musical as metodologias ativas de ensino propostas no século XXI e as confluências e divergências entre ambas. Descrevo também como tenho unido ambas as metodologias dentro de um planejamento de aulas que contemplem o desejo da rede privada de ensino, dentro de práticas pedagógicas, descritas pelas metodologias ativas (MA's) no contexto escolar, seguindo a proposta de autores da educação musical e as MA's no século XXI. Assim relato como a influência direta e indireta dos métodos ativos em educação musical tem sido reformulado dentro das práticas pedagógicas no ensino regular.

Palavras-chave: Educação Musical, Metodologias Ativas, Métodos Ativos em Música.

Introdução e referencial teórico

Este texto é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que pretende identificar, em um diálogo teórico-reflexivo, as convergências e divergências entre os “métodos ativos em educação musical” e as “metodologias ativas de ensino do século XXI”.

No cenário atual da educação, o uso das metodologias ativas têm sido cada vez mais comuns. Propostas como uma nova forma de aprendizado, tais metodologias intentam trazer o aluno para o centro do processo de ensino-aprendizagem tornando-o protagonista. Nessa perspectiva, é possível entender que as atividades, dentro de uma concepção de ensino e aprendizagem ativa, devem ser de criar, imaginar e construir práticas educativas e significativas para docentes e discentes.

Sendo o aluno protagonista e participante do processo de ensino-aprendizagem, cabe ao professor ser o mediador, facilitando o acesso ao conhecimento.

O que constatamos, cada vez mais, é que a aprendizagem por meio de transmissão é importante, mas a aprendizagem por questionamentos e experimentação é mais relevante para uma compreensão ampla e profunda. (BACICH; MORAN, 2017, p. 2).

Dessa forma, o processo de aprender e ensinar se constrói de forma coletiva entre os sujeitos envolvidos no contexto. De acordo com Vickery (2016), durante muitos anos, o currículo dos anos iniciais enfatizou a aprendizagem passiva, e a criança era considerada um recipiente vazio que precisava ser preenchido com conhecimentos por meio de uma abordagem didática. Incentivar as crianças a serem ativas em relação à própria aprendizagem e ao desenvolvimento da cognição e da metacognição exige uma pedagogia muito diferente, uma pedagogia que saliente as habilidades de pensamentos gerais (VICKERY, 2016, p.1).

As metodologias ativas trazem para as salas de aulas práticas pedagógicas inovadoras, sendo algumas delas: sala de aula invertida, rotação por estações, aprendizagem criativa, aprendizagem baseada em jogos, gamificação, aprendizagem em equipes, aprendizagem espaçada, design thinking, aprendizagem baseada em problemas, entre outras propostas pedagógicas que atendem às proposições da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), com o foco no protagonismo do aluno no século XXI. Tais proposições visam a promoção do desenvolvimento de habilidades de pensamento, e Vickery (2016) afirma que “usando as habilidades de pensamento, os alunos podem se concentrar em ‘saber como’ além de ‘saber o quê’ – aprender a aprender (VICKERY, 2016, p.7).

As metodologias ativas – que recebem a sigla MA's – são técnicas e práticas pedagógicas que ao colocar o estudante como o grande responsável por seu processo de conhecimento o ajudam a desenvolver a autonomia e a responsabilidade. Quando aplicadas efetivamente, elas favorecem a capacidade de resolução de problemas e o pensamento crítico, estimulando a criatividade e a curiosidade, competências necessárias para o desenvolvimento

intelectual do estudante (BACICH; MORAN, 2018). Embora o termo “metodologias ativas” possa soar como algo inovador no cenário educacional, pedagogos como Paulo Freire e John Dewey, desde o movimento da Escola Nova, defendiam uma metodologia centrada na aprendizagem pela experiência e no desenvolvimento da autonomia do aprendiz, embora não tenham utilizado o termo. Paulo Freire, no livro “Pedagogia da Autonomia”, afirma que aprendemos desde que nascemos a partir das situações concretas, que pouco a pouco conseguimos ampliar e generalizar (processo indutivo), e aprendemos também a partir de ideias ou teorias para testá-las depois no concreto (processo dedutivo) (FREIRE, 1996). Já John Dewey propôs uma educação entendida como processo de reconstrução e reorganização da experiência pelo aprendiz, orientada pelos princípios da iniciativa, originalidade e cooperação com vistas a liberar suas potencialidades (DEWEY, 1959).

Como professora de música da Rede Santa Catarina de Juiz de Fora, desde 2012, tenho realizado cursos de formação na área, uma vez que a instituição tem exigido a adoção das práticas pedagógicas da MA's em todas as disciplinas. Como egressa de um curso de licenciatura em música, ao entrar em contato com tais metodologias me indaguei qual seria a sua relação com os chamados métodos ativos em música.

Os “métodos ativos” em Educação Musical, como menciona Fonterrada (2008, p.177), foram criados por pedagogos musicais a partir do início do século XX. A autora destaca Émile Jaques-Dalcroze, educador musical suíço, como um dos precursores. Dalcroze propôs uma revolução na Educação Musical ao desvincular o aprendizado da música do aprendizado de um instrumento musical e também por enfatizar a vivência corporal, a percepção auditiva e a improvisação. Na primeira metade do século XX, outros educadores musicais postularam uma educação musical que privilegia “a vivência musical do aluno, sendo que o foco não está predominantemente no técnico ou no teórico” (FONTEERRADA, 2008, p. 177). Destacam-se Carl Orff, Edgar Willems e Zoltán Kodaly. Já na segunda metade do século XX, destacam-se os educadores George Self, John Paynter, Murray Schafer e J. H. Koellreutter, que apontam para uma educação musical criativa, reflexiva, inclusiva, com práticas que valorizam o aluno na construção do conhecimento. Outra importante característica dos métodos ativos é destacada por Mateiro e Ilari (2012) no livro “Pedagogias em Educação Musical”, a saber: “nas metodologias ativas valoriza-se também a integração da música com outras linguagens artísticas e outras áreas do conhecimento” (MATEIRO; ILARI, 2012, p. 138).

Pensando no atual cenário de inovações enquanto educadora musical, alguns questionamentos surgiram. De que forma podemos relacionar os métodos ativos em música com as metodologias ativas do século XXI no ensino de música na grade curricular do ensino fundamental? Como os professores de música que atuam na escola regular têm lidado com essas propostas? Diante do exposto, me proponho a investigar possíveis interlocuções entre as metodologias ativas em música e aquelas adotadas atualmente no contexto educacional, a fim de compreender em que medida elas convergem ou divergem, principalmente no que se refere às práticas pedagógicas no contexto do ensino escolar.

O presente texto apresenta três relatos de experiências que buscam aplicar em sala de aula, com caráter ilustrativo, algumas práticas de ensino oriundas das metodologias ativas aplicadas aos métodos ativos em educação musical.

Relato de experiências nos planejamentos das aulas de música.

O primeiro relato é de um planejamento realizado para as aulas do 3º ano do ensino fundamental da Rede Santa Catarina de Juiz de Fora, rede privada de ensino que adota as práticas pedagógicas das metodologias ativas em todas as disciplinas de ensino. Na aula a seguir, descrevo como se deu a adaptação de uma prática pedagógica das MA's que recebe o nome de Aprendizagem Criativa.

Mitchel Resnick (2020) é o responsável pela aprendizagem criativa. Para o autor, o processo criativo fundamenta-se em quatro princípios, conhecidos como os (4Ps): projetos, paixão, pares, e pensar brincando. De acordo com o manual de Práticas Pedagógicas que cada educador da rede de ensino Santa Catarina recebe, fundamentado em diversos pedagogos e bibliografias de referências educacionais, cada P da aprendizagem criativa remete a processos que definem sua relevância para o ensino/aprendizagem. O Manual tem o intuito de contribuir para os planejamentos diários, contemplando as práticas pedagógicas dentro dos planejamentos das disciplinas. Os (4Ps) da Aprendizagem Criativa são descritos da seguinte maneira: Projects (projetos) – aprendemos melhor quando trabalhamos ativamente em projetos significativos, criando ideias e pela colaboração em projetos; Peers (Parcerias) o aprendizado prospera quando aliado a um compartilhamento de ideias e pela colaboração; Passion (paixão) quando as pessoas desenvolvem projetos pelas quais tem interesse, elas se

envolvem mais, o que acarretam em novas aprendizagens durante o processo; Play (pensar brincando) aprender envolve experiências divertidas pela manipulação de materiais novos e diferentes, envolve também testar limites.

Baseado na aprendizagem criativa, descrita acima, o planejamento da aula de música foi idealizado para as turmas de 3º ano do Ensino Fundamental. Em primeiro plano criamos um personagem (projects), “o detetive sonoro”. Nesse primeiro momento de exploração e imaginação, acordamos que esse detetive teria uma missão: pesquisar os sons ao nosso redor, sendo na escola, nas casas, e assim por diante. O segundo momento da atividade foi criar (peers), cada estudante criou seu próprio “detetive sonoro” por meio de um desenho e colocamos as ideias em ação. O terceiro momento envolveu a ação (paixão): a cada aula combinamos de pesquisar diversos ambientes, iniciamos pela escola, visitamos o ginásio e as quadras em um momento normal do cotidiano em que as aulas aconteciam. Os alunos foram registrando os sons detectados e, ao retornarmos à sala de aula, registraram através de desenhos e onomatopeias os sons observados. Na semana seguinte visitamos o espaço da educação infantil, na terceira semana visitamos a pracinha da escola e na quarta aula, o desafio foi levar o detetive para suas casas e descobrir os sons mais escondidos como dos eletrodomésticos etc. Todas as observações foram registradas por desenhos e onomatopeias. No último estágio da espiral da aprendizagem criativa, chegamos ao (Play), esse é o estágio do pensar brincando, aqui envolvemos as experiências divertidas pela manipulação de materiais sonoros, os desenhos gerados em cada observação geraram um encarte onde os estudantes foram apresentando suas observações e representações. Nesse momento aproveitamos para classificar os sons dentro dos parâmetros sonoros, categorizando-os a partir de sua altura, intensidade, timbre e duração.

Esta atividade de Aprendizagem Criativa também se configurou como aprendizado em projetos ao gerar interdisciplinaridade com a aula de ciências, em que estavam estudando ondas sonoras. O estudo dos parâmetros dos sons e as buscas por diversos sons cotidianos serviram como introdução ao conteúdo na disciplina.

Tal prática pedagógica das MA's no século XXI entra em consonância com as propostas musicais de Murray Schaffer, que retrata o universo sonoro de uma maneira nova, convidando-nos a um caminho de descobertas sonoras. Schaffer acredita que a qualidade da audição é o centro de uma boa educação musical. Em sua proposição, o educador coloca como

fundamental a relação equilibrada entre o homem, o ambiente e as diversas possibilidades criativas do fazer musical, Fonterrada (2018).

O segundo relato de experiência foi desenvolvido em um planejamento para as turmas do quarto ano utilizando como prática pedagógica das MA's a Aprendizagem Baseada em Equipes (ABE ou TBL, do inglês Team Based Learning). No desenvolvimento dessa metodologia, contamos com elementos essenciais como grupos em média de 5 participantes, foco no desenvolvimento da colaboração e autonomia, responsabilidades com o seu desenvolvimento pessoal e de sua equipe. A MA's Aprendizagem baseada em equipes conta também com o papel do professor como facilitador do processo, o papel do estudante como protagonista e o foco cognitivo que torna os estudantes mais conscientes.

Como recurso sonoro foram utilizados os sinos diatônicos em que cada caixinha de sino é composta pela escala de Dó Maior, onde cada cor corresponde à afinação de uma nota musical. A primeira etapa da ABE é o preparo (trilha da aprendizagem prévia) que inclui a formação dos grupos, a compreensão da proposta, o conhecimento dos sinos diatônicos, pois no quarto ano os estudantes já possuem as noções de parâmetros sonoros, melodia e notas musicais. A segunda etapa consistiu na garantia do preparo, em que os alunos apreciaram, tocaram, relacionaram o som da escala tocada ao piano com a afinação dos sinos, e também memorizaram a cores dos sinos e seus respectivos nomes. Nessa etapa, ocorreu a divisão dos estudantes em equipes. Mesmo sendo a atividade colaborativa, cada estudante ficou responsável por um sino, ou seja, uma nota musical específica, promovendo tanto a ação individual quanto a grupal.

Na terceira etapa, chegamos à aplicação de conceitos em que o professor lança a tarefa. Nesse momento foi montado um gráfico com nome das notas da melodia conhecida como "Ode to joy", o tema principal da Nona Sinfonia de Beethoven para ser tocada com os sinos. Ouvimos um trecho da melodia interpretada por uma orquestra, depois foi lançado o desafio para que os grupos, já com os sinos em mãos, pudessem reproduzir a melodia apreciada por meio de uma partitura. As equipes se organizaram conforme a escala musical e em seguida começaram a ler as notas, buscando a construção da melodia. O resultado final, a execução da melodia da Nona Sinfonia, aconteceu em equipe, porém com a colaboração de cada um. Durante todo o processo, eu, como professora, instruí, contribuí com a regência e

acompanhei o desenvolvimento lógico dos estudantes, amparei a atividade, mas permiti que a consciência sonora dos meus alunos fluísse.

Essa metodologia veio ao encontro da proposta do pedagogo musical Edgar Willems. Em sua proposta pedagógica encontramos a utilização de materiais musicalizadores como as famílias de sinos sonoros, carrilhões, flautas de êmbolo, entre outros. Willems defende enfaticamente a importância da educação auditiva.

No terceiro e último relato de experiência, foram utilizadas as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), que estão relacionadas com as tecnologias contemporâneas acessadas em dispositivos como, computadores, celulares etc. As TICs têm sido incorporadas nas salas de aulas aproximando os estudantes de uma linguagem moderna e próxima de seu cotidiano.

Esse relato de experiência foi desenvolvido nas turmas de quintos anos, faixa etária de 09 a 10 anos idade, em que os alunos despertam com mais vigor para o uso dos dispositivos eletrônicos, e conseqüentemente respondem com mais entusiasmo aos planejamentos que englobam as tecnologias. Os dispositivos utilizados foram os próprios notebooks disponibilizados pela escola para acompanhar as aulas. A atividade aconteceu individualmente, sendo um dispositivo para cada aluno, para que pudessem explorar e produzir suas criações musicais.

Como recurso tecnológico musical utilizado nessa prática pedagógica, optou-se pelo Chrome Music Lab, um site que torna o aprendizado musical acessível por meio de experimentos práticos e divertidos. Os estudantes foram convidados a acessar o site Music Lab e em seguida começamos uma exploração dos recursos oferecidos, pois ele permite criar e compartilhar suas próprias músicas, além de oferecer experimentos como ondas sonoras.

No primeiro momento exploramos o espectrogram, recurso que permite acompanharmos as ondas sonoras produzidos pelos instrumentos fornecidos pelo site. No segundo momento utilizamos o recurso voice spinner, que por meio de um botão giratório podemos gravar nossa própria voz e os sons ao redor, e depois brincar com essas gravações, fazendo com que o tom da sua voz fique mais agudo quando girado mais rápido e mais grave quando girado mais devagar. Foi divertido para os estudantes utilizar esse recurso, o que gerou boas gargalhadas na turma. Mais uma exploração interessante fornecida pelo site é o Kandinsky, experiência inspirada no pintor Wassily Kandinsky, um artista que comparou a pintura ao fazer musical. Os desenhos e formas produzidos pelos alunos se transformava em

sons e gerou desenhos criativos em busca desse ambiente sonoro visual. Por fim utilizamos o recurso song maker, no qual os alunos são desafiados a produzir uma criação sonora, com ritmos, linhas melódicas, alturas, e o site permite salvar a criação no próprio computador e também fazer o envio através de um link.

Através do desenvolvimento dessa prática pedagógica da MA's, pude interagir com os alunos um pouco mais velhos, que estão entrando na pré-adolescência, de maneira intelectual, abordando as metodologias dos pedagogos musicais, através de dinâmicas tecnológicas, onde as criações visuais e sonoras aconteceram de maneira investigativa e criativa por parte dos estudantes. Essa proposta vem ao encontro da terceira geração de educadores musicais e de educadores e pesquisadores contemporâneos como, por exemplo, o brasileiro Uirá Kuhlmann.

No âmbito da educação musical, destaca-se o trabalho do professor Uirá Kuhlmann que tem ministrado cursos de formação no Brasil e no exterior. Em seus cursos, ele trabalha o que chama de "pilares da educação musical ativa", apresentando uma ampla abordagem de atividades através de jogos, sons, movimentos, recursos sonoros, objetos exploratórios como os bamboflex, os boomwhackers, instrumentos percussivos, entre outros criados por ele. Em julho de 2023, estive presente em um de seus cursos intitulado "Música em 3D", em que ele propôs uma abordagem de educação musical ativa através de atividades exploratórias como jogar, mover, fazer, criar, cantar, tocar, explorar objetos, trilhas, desafios, entre outras. Durante as atividades do curso pude perceber um diálogo implícito com as metodologias ativas, uma vez que ele não utiliza os termos das práticas pedagógicas as MA's, mas aborda empiricamente algumas delas como, por exemplo: aprendizado entre pares, aprendizado em equipes, aprendizagem criativa, aprendizagem através de jogos e roda de conversa. O educador citado está com um livro em desenvolvimento sobre a temática. As atividades apresentadas em seus cursos são trabalhadas, segundo ele, com base nas metodologias dos pedagogos ativos da primeira geração, Émile Dalcroze, Carl Orff, Edgar Willems e Zóltan Kodály.

Considerações finais

O presente relato de experiência procurou demonstrar alguns diálogos possíveis entre métodos ativos em Música e as Metodologias Ativas no século XXI. Com base em minha

experiência diária em sala de aula do ensino fundamental, comecei a promover um diálogo entre ambas as metodologias, buscando compreender as confluências e divergências entre elas. Para esse texto, trouxemos algumas possibilidades de diálogo a partir das confluências observadas entre a prática pedagógica de MA's e alguns teóricos da educação musical ao propor atividades baseadas nos métodos ativos da educação musical.

Contudo, também temos observado algumas a divergências e acreditamos que nem todas as práticas descritas no referido Manual são viáveis aos planejamentos das aulas de músicas uma vez que as MA's foram desenvolvidas para serem adaptadas a diversas disciplinas de ensino. Sendo assim, cabe ao professor refletir como (e se) determinada prática pedagógica pode dialogar com seu conteúdo. O ponto principal é permitir o aluno estar no centro do aprendizado, sentindo-se o protagonista e estabelecendo uma relação de troca entre professor e aluno.

Por fim, saliento a necessidade de se desenvolver estudos que abordem as propostas da MA's em diálogo com o ensino de música e mais especificamente com os métodos ativos em música, componente central da formação do licenciado em música, na educação básica. Espera-se assim que o relato aqui descrito possa contribuir para a prática reflexiva de professores de música atuantes na rede básica de ensino, assim como para aqueles em formação.

Referências

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

DEWEY, J. *Democracia e educação introdução à filosofia da educação*. 3. ed. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959.

FONERRADA, Marisa Trench. *De tramas e fios: Um ensaio sobre música e educação*. 2º ed. São Paulo: Unesp, 2008. 364 p. ISBN 978-85-7139-799-6.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura). ISBN 85-219-0243-3.

MATEIRO, Tereza; ILARI, Beatriz. *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

RESNICK, Mitchel. *Jardim de infância para a vida toda: por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos*. Porto Alegre: Penso, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

VICKERY, Anitra. *Aprendizagem ativa nos anos iniciais do ensino fundamental*. Porto Alegre: Penso, 2016.

VIANA, Kety; LIMA, Danielle; ROCHA, Julci. *Práticas Pedagógicas: Diretrizes, avaliação e orientações didáticas*. São Paulo, 2024.